



EVALUACIÓN PSICOLÓGICA Y EL CONOCIMIENTO PROFESIONAL

A EMERGÊNCIA DA PSICOMETRIA NA HISTÓRIA DA PSICOLOGIA

Hannia Roberta Rodrigues Paiva da Rocha; Heloísa Karmelina Carvalho de Sousa; João Carlos Alchieri

Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Brazil.

helosousa@hotmail.com

Psicometría, Historia de la Psicología, Evaluación Psicológica

Psychometrics, Psychology History, Psychological Assessment

RESUMEN:

Podemos entender evaluación psicológico como un sistema de conocimiento profesional y de intervención práctica que aparece como tentativa de contestar y de ampliar al conocimiento del funcionamiento y de las funciones psicológicos, y de la suya repercusión en el hombre y su comportamiento. Así pues, el documento apunta precisar la psicometría que brota en curso de construcción del conocimiento. Toman la sociedad griega como la horquilla de la filosofía y de la ciencia, porque en este momento de la historia el hombre disminuye su creencia en la explicación mística en los fenómenos. En el período de transición entre la antigüedad y la edad del cristiano, los viejos valores fueron cuestionados. Durante la edad cristiana, el monopolio de la iglesia católica dio prioridad a la explicación divina para la aprehensión de la realidad. El renacimiento representa un vuelta a tomar del espíritu griego, porque practica una abertura de manera significativa con los dogmas de la iglesia. Las bases de la psicología moderna fueron puestas en marcha que, después, era racionalista, naturalista, empírico y científico. La "cuantificación" de la psicología comienza con la tentativa de convertir diferencias cualitativas en fórmulas matemáticas. La psicometría nace. Todavía en el siglo XIX, un crecimiento de la importancia en el uso de la ciencia se considera, un espacio tomado sabiamente por la Psicometría. En este contexto, la enseñanza de evaluación psicológica y la psicometría parece desempeñar un papel básico en la contestación al crítico a éstos

prácticos. Impulsa, por lo tanto, que los aspectos éticos de este funcionamiento están discutidos durante la formación en psicología, de modo que el profesional a ser no permanezca en un funcionamiento del reproduccionista y típicamente del tecnicista.

RESUMO:

Podemos entender a Avaliação Psicológica como um corpo de conhecimentos e práticas de intervenção profissional, que surge como tentativa de resposta e ampliação do conhecimento sobre o desempenho das funções psicológicas e suas repercussões sobre o homem e suas condutas. Nesse sentido, o presente escrito visa situar a emergência da Psicometria no processo de construção do conhecimento. A sociedade grega é considerada como o berço da filosofia e da ciência, visto que nesse momento histórico o homem diminuía sua crença nas explicações mitológicas sobre os fenômenos. No período de transição entre a Antiguidade e a Idade Cristã, os valores antigos são questionados. Durante a Idade Média o monopólio da Igreja Católica priorizava a explicação divina para a apreensão da realidade. O Renascimento representa uma retomada do espírito grego, na medida em que rompe de maneira significativa com os dogmas da Igreja. Estavam lançadas as bases da psicologia moderna que, então, era racionalista, naturalista, empírica e científica. A "quantificação" da psicologia começa com a tentativa de se converter diferenças qualitativas em fórmulas matemáticas. Nasce a Psicometria. Ainda no século XIX, vê-se um crescimento da importância na aplicação da ciência, espaço sabiamente ocupado pela Psicometria. Diante desse contexto, o ensino de Avaliação Psicológica e da Psicometria parece desempenhar papel fundamental na resposta às críticas tecidas a essas práticas. Urge, portanto, que os aspectos éticos dessa atuação sejam discutidos durante a formação em psicologia, para que os futuros profissionais não enveredem por uma atuação tipicamente reprodutivista e meramente tecnicista.

ABSTRACT:

We can understand Psychological Assessment as a set of Professional knowledge and practical intervention that appears as an attempt to answer and extend the knowledge on psychological functions performance and theirs repercussion on the man and his behavior. So, the present paper aims to point out Psychometrics sprouting in the process of knowledge construction. Greek society is taken as the philosophy and science cradle, because in this moment of the history the man diminish his beliefs on mystical explanation on the phenomena. In the transition period between Antiquity and Christian Age, the old values were questioned. During the Christian Age, the monopoly of Catholic Church prioritized the divine explanation for the apprehension of the reality. The Renaissance represents one retaken of the Greek spirit, because it breaches in significant way with the dogmas of the Church. The bases of the modern psychology were launched that, then, was rationalist, naturalistic, empirical and scientific. The "quantification" of psychology starts with the attempt of converting qualitative differences into mathematical formulas. The Psychometrics is born. Still in the XIX century, a growth of the importance in the application of science is seen, a space wisely taken by Psychometrics. In this context, the education of Psychological Assessment and the Psychometrics seems to play a basic role in the reply to the critical to these practical. It urges, therefore, that the ethical aspects of this performance are argued during the formation in psychology, so that the professional to be do not stay in a reproductionist and typically technicist performance.

A EMERGÊNCIA DA PSICOMETRIA NA HISTÓRIA DA PSICOLOGIA

Introdução

Podemos entender a Avaliação Psicológica como um corpo de conhecimentos e práticas de intervenção profissional, que surge como tentativa de resposta e ampliação do conhecimento sobre o desempenho das funções psicológicas e suas repercussões sobre o homem e suas condutas, aspectos explorados pelas diferentes disciplinas que se originaram ao longo da construção do saber psicológico. A Avaliação Psicológica é, então, apenas mais uma forma de acercamento da realidade e, como parte do conhecimento científico, esforça-se por não se restringir à descrição de fatos isolados, tentando apresentá-los histórica e socialmente contextualizados.

Pasqualiⁱ ensina que a Avaliação Psicológica respalda-se nos pressupostos derivados da medida, sendo lícito representar fenômenos psicológicos com base na linguagem numérica desde que atendidas suas definições operacionais (axiomas). Para tal feito, pode-se fazer uso de instrumentos psicológicos: qualquer forma de estender nossa ação ao meio para minimizar as limitações humanas de observação, maximizando a eficácia da obtenção de dados. Os testes psicológicos, então, podem representar pela medida uma ação que equivale a um comportamento, permitindo a mensuração indireta do aspecto comportamental – centro do processo de testagem psicológica como atividade científica para Urbinaⁱⁱ. A utilização desses instrumentos, no entanto, é condicionada à verificação da qualidade de sua ação, através de procedimentos metodológicos que assegurem sua eficácia e eficiência. A Psicometria é uma das especialidades psicológicas que procura aperfeiçoar as qualidades dos instrumentos utilizados para Avaliação Psicológica, e tem origem com disciplinas diversas como a estatística, psicologia experimental, metodológica e computacional.

O conhecimento é, geralmente, fruto de uma curiosidade ou necessidade de superação de indigências ou desafios relacionados à adaptação ao ambiente, à superação de problemas ou à redução de danos à saúde. Conhecer é, portanto, um processo de ambientação, gradual e permanente, visto que as circunstâncias em que esse processo ocorre são dinâmicas, complexas e diversificadas Severinoⁱⁱⁱ.

Urbina advoga que, de uma forma geral, o progresso da ciência é acompanhado pela construção de instrumentos de mensuração e avanços em procedimentos e técnicas. Podemos compreender, então, o desenvolvimento da Psicometria como etapa inexorável do desenvolvimento da Psicologia enquanto ciência. Falar sobre da emergência da Psicometria é, nesse sentido, tocar a origem da ciência psicológica e, para a compreensão desse processo de construção, faz-se necessário, também, realizar uma retomada da história do conhecimento humano.

O presente escrito, portanto, visa situar a emergência da Psicometria no processo de construção do conhecimento, mais especificamente, no processo de construção do saber psicológico. Além de encontrar as origens epistemológicas da Avaliação Psicológica, as reflexões aqui ensejadas podem contribuir para uma prática tão cercada de controvérsia: a avaliação psicológica, uma vez que, grande parte das dificuldades encontradas nessa prática (e na produção de conhecimento sobre a avaliação psicológica) parece centrar-se na ausência de discussão sobre a natureza do processo de conhecer o que, segundo Cruz^{iv} envolve necessariamente uma discussão sobre a formação de conceitos em psicologia, sobre as relações entre objetividade e subjetividade e os graus de cientificidade obtidos por essa prática.

A Emergência da Psicometria

Minayo^v apresenta as sociedades humanas como circunscritas a um espaço e tempo determinados, diretamente relacionados aos conceitos de *consciência possível* e *consciência real*, introduzidos por Goldman (citado por Minayo). O pensamento e a consciência seriam processos que têm como base o próprio processo histórico, frutos de necessidades existentes a cada momento. O pensamento humano, e sua forma de construir conhecimento, então, estão sempre submetidos às grandes questões e limites da realidade de cada época, sendo reflexos das estruturas políticas e sociais vigentes.

Rosenfeld^{vi} apresenta a sociedade grega como berço da filosofia e da ciência, visto que nesse momento histórico o homem, paulatinamente, diminuía sua crença nas explicações mitológicas sobre os fenômenos, procurando explicar a natureza em termos de fatos naturais, baseando-se cada vez mais em fenômenos observados. Apesar de especulação metafísica e observação científica

rudimentar coexistirem nesse período, o autor identifica, já nesse pensamento, as origens das primeiras teorias psicológicas, principalmente quando os Sofistas iniciaram uma era de interesse antropológico, inaugurando um novo objeto como foco do conhecimento em detrimento dos conhecimentos cosmológicos e naturais que até então se buscava: o homem.

O homem, então, experiencia o que Japiassu^{vii} denominou de duplo deslocamento: precisava definir-se enquanto objeto e sujeito de conhecimento. Este dilema está, até hoje, presente nas discussões acerca do caráter científico da Psicologia.

A "descoberta" da fisiologia, por volta do século V a.C., permitiu uma concepção de homem fisicista, com tentativa de apreensão de uma "substância" ou "natureza" da alma humana, pois considerava-se, à época, a possibilidade de conhecimento de todas as coisas a partir dessa apreensão. Posteriormente, mas ainda nesse mesmo período, atribui-se à alma humana a faculdade da sensação e a possibilidade de pensamento, marcando esta oposição o pensamento filosófico grego, que desencadeou uma discussão acerca dos valores dos sentidos e do raciocínio como meios de conhecimento, numa dicotomia que perdurou por muitos séculos e se reflete até hoje (Rosenfeld).

O rechaço ao conhecimento oriundo dos sentidos baseava-se na consideração de que as sensações forneciam apenas "opiniões", variáveis de sujeito a sujeito, sem a possibilidade do encontro com uma verdade absoluta, enquanto, acreditava-se, o pensamento poderia gerar conclusões invariáveis e atemporais. Essa idéia era reforçada pelo estabelecimento de uma base ético-social, que enfatizava a racionalidade em sobreposição aos desejos e paixões como resposta a processos sociais e políticos que culminavam em perturbações nacionais, representando constante ameaça ao bem-estar humano (Rosenfeld).

No período de transição entre a Antiguidade e a Idade Cristã, os valores antigos são questionados. O fervor religioso e a contínua busca por certezas absolutas propiciam o confronto de uma filosofia que se torna religiosa e, por outro lado, a busca de explicações filosóficas para questões religiosas, prevalecendo o pensamento dogmático da Igreja Católica (Rosenfeld; Laville & Dionne^{viii}).

Percebe-se que, desde o início, o processo de construção do conhecimento é marcado por

dicotomias que vão, a cada momento, definir os rumos da ciência: corpo-alma, sensualismo-racionalismo, inato-aprendido, divino-humano. Foi, basicamente, em defesa de um desses pólos que epistemólogos de todos os tempos desenvolveram suas teorias acerca do conhecimento. É importante ressaltar que a ciência nasceu na tentativa de encontro de uma verdade absoluta, que enfatizava, portanto, os pólos que defendiam a materialidade, o racionalismo, o humano, e afastavam-se das possibilidades místicas de explicação da realidade.

A Idade Média foi exceção a essa busca, visto que o monopólio da Igreja Católica priorizava a explicação divina para a apreensão da realidade. O conhecimento se dava pela fé e as teorias apoiadas pelo clero tinham autoridade de dogmas, esses sim absolutos. O surgimento de uma atitude cada vez mais científica, através do experimento e da observação da própria natureza entra em choque com o conhecimento dogmático da religião, sobressaindo-se (Rosenfeld).

O Renascimento representa, grosso modo, uma retomada do espírito grego, na medida em que rompe de maneira significativa com os dogmas da Igreja. As necessidades da emergente classe burguesa, aliadas à secularização do pensamento, fizeram com que o racionalismo, o empirismo e o naturalismo fossem enfatizados. A deposição de um Deus como centro de todas as explicações aos questionamentos humanos exigiu que um outro ente assumisse esse lugar de "organizador" do pensamento e "fornecedor" de uma verdade. Deu-se lugar, então, a um processo de privatização da subjetividade – cada indivíduo, através de suas faculdades mentais, deveria ser capaz de procurar suas próprias explicações para os fatos (Rosenfeld).

Obviamente, esse movimento de privatização da subjetividade tornou o conhecimento demasiado relativo, pois já não era possível atingir uma verdade absoluta. Inaugurou-se, então, uma forma de se construir conhecimento que dava grande ênfase ao empirismo, que "provaria" as hipóteses levantadas.

Estavam lançadas as bases da psicologia moderna que, então, era racionalista (tem a razão humana como a mais alta autoridade na busca do conhecimento), naturalista (busca dar explicações à natureza exterior e interior sem pressuposições sobrenaturais), empírica (considera a experiência como fonte legítima do conhecimento) e científica (nos moldes das ciências que surgiam nessa época).

A matemática surge como ideal científico. Concomitantemente, conclui-se que o “dado” é sempre organizado por formas e categorias individuais, sendo impossível o conhecimento das “coisas em si”. A atividade sintética humana é enfatizada, e encontra sua mais alta expressão no conceito de *apercepção*. Diante do surgimento de uma nova dicotomia – quantidade-qualidade –, as tendências que até então se defrontavam começam a ser vistas como insuficientes quanto acentuadas de forma unilateral – nem tudo pode ser de todo respondido pelo racionalismo, ou pelo empirismo (Rosenfeld, 1984).

Rosenfeld, explica que:

“O Empirismo tende a uma teoria mecanicista de associação, princípio que deve explicar a organização (neste caso passiva e automática) da variedade da experiência, ao passo que o racionalismo tende a uma teoria de poderes fundamentais e de atividade da alma que, como no caso de Leibniz, deverá explicar a multiplicidade dos estados das nômadas” (p. 80).

Adequando-se ao *Zeitgeist*, que contava com grandes influências do desenvolvimento da química, biologia e medicina no início do século XIX, a idéia mecanicista de associação foi sucedida pelo ideal utilitarista que enfatizava idéias de uma “química mental”, em detrimento da mecânica. O esmaecimento da dicotomia mente-corpo representa um golpe quase mortal no dualismo cartesiano. Nesse contexto alvorece os primeiros raios de uma psicologia diferencial (Rosenfeld).

É também nesse mesmo cenário que a Psicologia empreende movimento para adequar-se às ciências naturais, baseadas no ideal positivista de ciência. Segundo Laville e Dionne, tenta-se transpor para o domínio do saber sobre o homem e a sociedade a forma de se construir conhecimento tão confiável e prática quanto as desenvolvidas para conhecimento da natureza física. A “quantificação” da psicologia começa com a tentativa de se converter diferenças qualitativas em fórmulas matemáticas. O método experimental foi enormemente incrementado pela influência da fisiologia, com a aplicação da matemática às observações e, na impossibilidade de apreender os aspectos psicológicos diretamente, impôs-se um processo indireto de medição – era possível medir os estímulos e, além disso, a intensidade de estímulo necessária para o surgimento de uma sensação (Rosenfeld).

Nasce, então, a Psicometria.

O ideal positivista de ciência previa a inexorabilidade de se trabalhar com o rigor, com o método, como forma de assegurar a confiabilidade e validade dos resultados de uma pesquisa. Para tanto, fez-se necessário a adoção de um método, definido por Descartes como um conjunto de regras que possibilitariam a certeza de nunca se tomar um erro por uma verdade, ampliando o saber por meio de um contínuo progresso. A partir de então, o saber baseia-se na observação, experimentação e mensuração, e não apenas na especulação (Laville & Dionne).

A tentativa de adequação da Psicologia às ciências exatas persiste e, em meados do século XIX sofre grande influência da Biologia, o que introduz à Psicologia indagações evolucionistas. A teoria evolucionista de seleção dos mais aptos, então, reforça o interesse dos psicólogos para as diferenças individuais. As tentativas de aferir, quantitativamente, as variações de aptidões individuais propiciou o desenvolvimento de testes mentais. O interesse pela medição em massa, para determinação de diferenças individuais em detrimento da apreensão de fenômenos mentais na sua estrutura geral, uniu a psicologia à estatística, enfatizando o caráter experimental da primeira (Rosenfeld). E foi a partir desse experimentalismo, personificado na figura de Wilhelm Wundt, que a Psicologia ganhou status de ciência autônoma e empírica (Rosenfeld).

Ainda no século XIX, vê-se um crescimento da importância na aplicação da ciência, espaço sabiamente ocupado pela Psicometria. Todas as mudanças que ocorreram modificaram profundamente a fisionomia do século, em todos os âmbitos da vida humana. A ciência é aclamada como fonte inesgotável de progresso (Laville & Dionne).

Os estudos experimentais de psicologia continuaram com a intenção de determinar a variabilidade das qualidades individuais, distanciando a ciência psicológica, cada vez mais, do associacionismo. Binet, como expoente desse movimento, estabelece os princípios da padronização de testes e escalas mentais. Urbina também relaciona o surgimento e desenvolvimento de métodos de avaliação psicológica ao estabelecimento de sociedades urbanas, industriais e democráticas, visto que o principal objetivo desse tipo de avaliação seria o de fundamentar decisões que envolvem pessoas, e tais decisões eram pouco frequentes até esse período.

Atualmente, a tentativa de identificação da Psicologia com as ciências naturais parece superada. Essa ciência tem já um lugar próprio – as ciências sociais. A Psicometria e a Avaliação

Psicológica, no entanto, permanecem como ramos mais voltados aos aspectos mais “tradicionais” da ciência. Isso não significa que sua prática repouse exclusivamente sobre princípios positivistas, visto que são parte da Psicologia e a ela servem. Não têm a pretensão de fornecer um conhecimento total, acabado, pois reconhece a dinamicidade de seu objeto. Um olhar mais crítico sobre essas práticas é cada vez mais demandado, possibilitando leituras de suas produções a partir de vários pontos de vista, como o Fenomenológico, por exemplo.

Como forma de construção do conhecimento, a avaliação psicológica não está encerrada. Recria-se continuamente. É a cada dia retificada e reificada. Engessar essa prática em sua origem positivista seria concebê-la de forma demasiadamente simplista.

Considerações Finais

Como nos apresenta Almeida^{ix}, apesar de ser apontado como a aplicação técnica mais importante da Psicologia enquanto ciência, a avaliação psicológica, e em particular o uso de testes, é permeada de grande controvérsia mesmo entre psicólogos. De fato, Sternberg e Kaufman (citados por Almeida), explicam que os testes psicológicos, ao contrário da maioria das outras inovações tecnológicas do século XX, permanecem num estado de adormecimento evolutivo. Pasquali (citado por Almeida), advoga que tal controvérsia deve-se ao fato de que a avaliação psicológica tem estado ainda dominada por uma visão positivista da psicometria, sendo urgente o recurso a diferentes visões que impulsionem a teorização em torno da medida nas ciências psicossociais e em torno dos próprios constructos avaliados.

Diante desse contexto, o ensino de Avaliação Psicológica e da Psicometria parece desempenhar papel fundamental na resposta às críticas tecidas a essas práticas. São críticas, em parte, infundadas, visto que se baseiam em conhecimentos parciais desses temas. Mas apenas em parte... a prática deturpada da medida em psicologia justifica tais críticas. Urge, portanto, que os aspectos éticos dessa atuação sejam discutidos durante a formação em psicologia, para que os futuros profissionais não enveredem por uma atuação tipicamente reprodutivista e meramente tecnicista – visões que trazem em seu âmago a idéia de que o conhecimento encontra-se já pronto, cabendo aos profissionais apenas o encontro de técnicas mais acessíveis e correspondentes ao

suporte teórico-metodológico capaz de responder à situação sob análise.

Cruz, sobre essa questão, lembra que os psicólogos devem se orientar pelo aprimoramento da ciência psicológica, investindo e assumindo um compromisso pessoal com a construção do conhecimento, que se dá, na visão desse autor, através da permanente revisão das informações produzidas, da discussão qualificada com os pares, da atualização dos instrumentos e técnicas e da publicação dos resultados produzidos. Acrescentaríamos a esse rol um compromisso ainda maior e mais necessário: o reconhecimento do processo de construção desse conhecimento como algo inacabado, contínuo e relativo.

-
- ⁱ Pasquali L. *Psicometria: Teoria e Aplicações*. Brasília: Universidade de Brasília; 1997.
- ⁱⁱ Urbina S. *Fundamentos da Testagem Psicológica*. Porto Alegre: Artmed; 2007.
- ⁱⁱⁱ Severino AJ. *Filosofia*. São Paulo: Cortez; 1994.
- ^{iv} Cruz RM. O Processo de Conhecer em Avaliação Psicológica. In: Cruz RM, Alchieri JC, Sardá Jr JJ, editores. *Avaliação e Medidas Psicológicas – Produção do Conhecimento e da Intervenção Profissional*. São Paulo: Casa do Psicólogo; 2002.
- ^v Minayo MCS. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. Rio de Janeiro: Abrasco; 2000.
- ^{vi} Rosenfeld A. *O pensamento psicológico*. São Paulo: Editora Perspectiva; 1984.
- ^{vii} Japiassu H. *A psicologia dos psicólogos*. Rio de Janeiro: Imago; 1983.
- ^{viii} Laville C, Dionne J. *A Construção do Saber*. Porto Alegre: Editora UFMG/Artmed; 1999.
- ^{ix} Almeida LS. Avaliação Psicológica - Exigências e desenvolvimentos nos seus métodos. In: Wechsler SM, Guzzo RS, editores. *Avaliação Psicológica - Perspectiva Internacional*. São Paulo: Casa do Psicólogo; 1999. p. 41-55.